

O inimigo do meu inimigo é meu amigo: a Turquia e os palestinianos

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 18 de maio de 2021

1. No conflito Israelo-palestiniano a Turquia de Recep Tayyip Erdoğan e o Irão do Aytollah Ali Khamenei são os dois mais vocais e indefectíveis apoiantes dos palestinianos. No Ocidente, tudo isto parece tão normal e justo que muitos pensam que terá sido sempre assim. Um bom país muçulmano apoia os seus irmãos muçulmanos onde quer que eles sofram. Pelo menos, é isso que nos é dito na retórica pública e política. Como a causa palestiniana é uma boa causa moral e humanitária a nossa consciência fica tranquila. Todavia, no Médio Oriente, poucas coisas são o que parecem. Se escavarmos na história do conflito temos surpresas substanciais. A imagem edificante das boas causas morais, impermeáveis aos interesses da *realpolitik*, fica seriamente abalada. O caso Turquia e das suas relações com Israel / Palestina é um dos mais curiosos casos de cinismo político.

2. Em geral, o contexto histórico da fundação de Israel é bem conhecido. Após as perseguições e holocausto (*Shoah*) dos judeus pela Alemanha nazi nos anos 1930 / 1940, houve uma emigração em massa para a Palestina, na época sob administração britânica. No âmbito da recém-criada Organização das Nações Unidas, foi aprovado um plano de partilha da Palestina — Resolução nº 181 de 29 de Novembro de 1947 Assembleia Geral. A não aceitação desse plano pelos Estados árabes originou um primeiro conflito militar em 1948. Nessa época, a Palestina era uma causa dos árabes. Quanto à Turquia, posicionou-se no campo oposto e em 1949 foi o primeiro Estado muçulmano a reconhecer Israel. Mas o que aconteceu, na altura, à solidariedade com os irmãos palestinianos que Recep Tayyip Erdoğan tanto apregoa, invocando a Palestina governada pelo sultão otomano onde judeus e cristãos eram submetidos à *sharia* islâmica?

3. Na política externa do Estado turco, a ênfase na solidariedade islâmica com os palestinianos é uma construção muito mais recente do que se poderia pensar. Foi feita em grande parte ao sabor das transformações internas e internacionais dos últimos vinte anos. Anteriormente, a política externa da Turquia era bem diferente nessa questão. Não estava nada interessada na retórica da solidariedade e causas humanitárias com a Palestina. Isso era conversa dos árabes. Os turcos tinham sido vítimas da traição árabe da I Guerra Mundial, quando estes se revoltaram contra o Império Otomano, aliando-se a britânicos e franceses. Assim, o nascente inimigo dos árabes em 1948 (o Estado de Israel) foi visto como amigo (da Turquia). Ao longo de várias décadas, a lógica de uma calculista *realpolitik* levou sucessivos governos da Turquia a ignorar a solidariedade com a causa árabe-palestiniana. Se estavam a sofrer, era problema deles. Tinham o que mereciam. Essa percepção ficou também largamente entre enraizada nos árabes, ou seja, de que o reconhecimento e

proximidade estratégica com Israel foi um acto de vingança turca pelos acontecimentos que levaram ao fim do Império Otomano e perda de domínio sobre estes.

4. O activista humanitário ingénuo poderá pensar que hoje, com Erdoğan, há um elevado padrão moral e sensibilidade face ao sofrimento dos palestinianos. Mas não é bem assim. Existe muito calculismo político disfarçado de causa humanitária. Internamente o sofrimento dos curdos — que são muçulmanos e sunitas como os turcos — não comove Erdoğan. Pelo contrário, são alvo da sua fúria, sobretudo quando têm aspirações de ser livres e governarem-se a si próprios, algo que os deve tornar maus muçulmanos. Os curdos do Partido dos Trabalhadores do Kurdistan (PKK) na Turquia são terroristas; os curdos das Unidades de Protecção Popular da Síria (YPG), que se opuseram aos avanços do Daesh e do exército turco na Síria, também são grupos de terror. Na Turquia, não há discriminações nem violência contra os curdos. Em Israel é que os palestinianos são objecto de discriminações e de violência pelos sionistas e as suas aspirações de liberdade e de autogoverno são uma boa causa.

5. Existe um problema maior do conflito israelo-palestiniano que muitos subestimam. A realidade é de tal maneira complexa e multifacetada que não encaixa nas usuais visões humanitárias simplistas que preenchem o espaço público, imbuídas de pré-conceitos ideológicos. Nelas há claros e diabólicos agressores, reencarnação de satanás e vítimas de pureza angélica que reflectem imagens poderosas dos três monoteísmos. É neste quadro mental simplista e falacioso que navegam — e manipulam a opinião pública — múltiplos intervenientes de ambos os lados. O caso da Turquia é um bom exemplo dessa apropriação e manipulação, mas está longe de ser o único. É inevitável usarmos aqui a ironia. Erdoğan é um interlocutor tão justo e equilibrado do conflito como foi Donald Trump. O primeiro só olhou para os interesses de Israel / Governo de Benjamin Netanyahu, encorajando os avanços israelitas sobre terras palestinianas e enterrando a solução de dois Estados. Quanto ao segundo, zela supostamente pelos interesses dos palestinianos — na prática, do Hamas —, alimentando a ambição deste último de se apoderar da Autoridade Palestiniana e de submeter todos (palestinianos e judeus), ao islamismo radical.

6. Mas há mais Estados a ajudar de forma altruísta e equilibrada a terminar com este trágico conflito. O [Irão tem contribuído muito com a sua pretensão nuclear e de riscar Israel do mapa](#). Fá-lo desde os tempos de Mahmoud Ahmadinejad e fornece também equipamento e treino militar ao Hamas, só para fins humanitários evidentemente. Foi o único Estado até agora a apontar uma solução que, de facto, a ser aplicada, o iria resolver mesmo, acabando com intermináveis e frustrantes discussões. Há ainda o caso da Rússia com um papel notável de jogar nos dois campos, algo que tem escapado aos admiradores de Vladimir Putin. Publicamente, condena a brutalidade de Israel e está ao lado dos palestinianos; mas, nos bastidores, dá-se bem com Benjamin Netanyahu e fecha os olhos aos ataques israelitas na Síria, muito úteis para enfraquecer o amigo-inimigo iraniano. Tem ainda a esperança de que as múltiplas vagas de emigração de judeus da Rússia coloquem Israel mais pró-russo.

7. Pela sua visibilidade internacional, o conflito israelo-palestiniano presta-se à escolha selectiva do sofrimento humano. A Turquia é um caso clássico, onde a retórica humanitária encobre os interesses políticos na lógica do inimigo do meu inimigo é meu amigo. O sofrimento de palestinianos e judeus não mudou desde 1948. As conveniências políticas é que mudaram. A escolha do Hamas e não da Autoridade Palestiniana como interlocutor, diz também muito sobre a visão humanitária e compaixão pelo sofrimento humano de Erdoğan. O facto de o Hamas ser uma expressão do islamista-jihadista e o seu chefe — Ismail Haniyeh —, se recusar a reconhecer a existência do Estado de Israel, não importa. Quanto à Turquia, ser um candidato à adesão à União Europeia — e o [Hamas estar incluindo na lista de organizações terroristas desta](https://www.publico.pt/2021/05/18/mundo/analise/inimigo-inimigo-amigo-turquia-palestinianos-1963097) —, também não é nada preocupante: meras divergências de opinião entre democracias, como é fácil ver pelo seu apego à democracia e direitos humanos. Para além das inúmeras vítimas reais da violência em Israel-Palestina — que na sua maioria são palestinianos —, os genuínos defensores de causas humanitárias são presas fáceis desta guerra de propaganda.

<https://www.publico.pt/2021/05/18/mundo/analise/inimigo-inimigo-amigo-turquia-palestinianos-1963097>